

## **Ata da Reunião do Conselho Municipal de Cultura do Porto**

Aos vinte e sete dias do mês de abril de dois mil e vinte e um, pelas dez horas, reuniu no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, o Conselho Municipal de Cultura do Porto, composto pelos representantes dos respetivos membros, identificados na lista anexa à presente ata e que dela faz parte integrante (Anexo I), devidamente convocados para o efeito.

**O Senhor Diretor Municipal da Presidência, Adolfo Sousa,** cumprimentou todos os presentes e de seguida passou à leitura da ata da tomada de posse do Senhor Dr. António Manuel Torres da Ponte, como membro do Conselho Municipal de Cultura do Porto, representando o Museu Nacional de Soares dos Reis.

Terminada a instalação do novo membro passou a palavra à mesa para dar início à reunião do Conselho Municipal de Cultura do Porto.

### **ORDEM DE TRABALHOS**

#### **1. Ata da Reunião de 29 de outubro de 2019.**

**Deliberação:** Aprovada, por unanimidade, pelos presentes na Reunião de 29 de outubro de 2019.

#### **2. Ata da Reunião de 29 de janeiro de 2020 (esta reunião foi realizada conjuntamente com o Conselho Municipal de Economia).**

**Deliberação:** Aprovada, por unanimidade, pelos presentes na Reunião de 29 de janeiro de 2020.

#### **3. Ata da Reunião Extraordinária de 21 de fevereiro de 2020.**

**Deliberação:** Aprovada, por unanimidade, pelos presentes na Reunião Extraordinária de 21 de fevereiro de 2020.

#### **4. Apresentação e discussão do Batalha Centro de Cinema.**

### **Intervenções:**

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira;**

Inicia por dizer que se inverteu um pouco a lógica habitual das reuniões, na linha do que já foi sugerido neste Conselho, decidindo fornecer documentos que deverão servir de base a uma conversa sobre os projetos que querem discutir.

Os projetos já foram apresentados em reunião de Câmara e a imprensa já deu bastante cobertura aos assuntos.

Ainda assim, gostariam de introduzir estes temas e de fazer um ponto de situação sobre o desenvolvimento dos projetos e ouvir os membros do CMC sobre todas as questões que os documentos possam ter suscitado.

Começam pelo Batalha. Trabalha-se a partir de uma ideia de Centro de Cinema ou de *Film Centre*. O projeto foi apresentado em reunião de Câmara no dia 8 de março, nos termos que estão plasmados no documento que foi distribuído antecipadamente.

Este é um projeto ambicioso, que quer implementar no Batalha um espaço de grande amplitude formal na relação do cinema e da imagem em movimento, com os públicos mais diversos. O projeto está atualmente em obra, num processo que tem corrido dentro da normalidade, e que se prevê que possa terminar no final deste ano, segundo as indicações da empresa municipal GOPorto, que está encarregue da obra.

Informa que há uma componente do projeto, relevante, mas que não têm querido que consuma o processo de obra, que tem que ver com o painel do Júlio Pomar e sobre o qual não dão nota no documento que foi distribuído. Acrescenta que, sobre este tema, gostava de partilhar que o estudo técnico, que foi levado a cabo no âmbito da empreitada, aponta para a existência de múltiplos vestígios do mural, desconhecendo-se o estado concreto desses vestígios. A ideia, que foi discutida com o Guilherme Blanc, o Alexandre Alves Costa, o Sérgio Fernandez, com o presidente da Fundação Júlio Pomar e filho do artista, é que a obra não seja refeita ou reinterpretada, mas tão só apresentada ao público com o peso da História, da censura e do tempo. Desconhece-se ainda o que poderá existir debaixo das várias camadas de tinta mas, em breve, quando a obra assim o permitir, irá descobrir-se. O objetivo central será enfatizar o que a ditadura fez à obra e mostrá-la sem artifícios.

Passa a palavra a Guilherme Blanc para este falar das diferentes componentes projectuais e particularidades artísticas do Batalha.

- Diretor Artístico de Arte Contemporânea e Cinema da ÁGORA, EM. **Guilherme Blanc;**

Cumprimentou todos os presentes. Gostaria de evidenciar algumas questões que ilustram a missão e o sentido estratégico do projeto. Estão a trabalhar para constituir uma

organização cultural para o cinema e para a imagem em movimento, para a sua disseminação. Será um Centro de Cinema que proporá vários veículos de relação com o Cinema, dentro e fora das salas de exibição. Salienta o espaço de Galeria, da Biblioteca Especializada, da Mediateca e do Salão, Café e Palcos.

Informa que o Programa Artístico incluirá projetos mais ou menos centrados em práticas individuais de cinema, mais contemporâneos, incluindo diversas temáticas.

Pretende-se trabalhar com as Escolas de Cinema da cidade e com os agentes de produção e de realização através de diferentes formas de diálogo e de participação.

Realça o projeto "Cinema e Comunidade" que vai trabalhar a questão educativa.

Felicita a equipa que integra o Batalha e que iniciou o trabalho há cerca de 3 meses.

Passa a palavra aos presentes que queiram colocar questões.

**- Alexandra Balona;**

Felicita Guilherme Blanc e pergunta se contemplam, no futuro, ter um Festival de Cinema do Porto ancorado no Batalha e se, em termos do Arquivo, este poderá estar acessível digitalmente e *on-line*.

- O Diretor Artístico de Arte Contemporânea e Cinema da ÁGORA, EM. **Guilherme Blanc;** Responde, dizendo que, relativamente aos Festivais, a ideia é poder trabalhar em articulação com os vários Festivais de Cinema que existem na cidade, e não promover um próprio; em relação ao Arquivo a ideia é que tenha vida *in loco*, será acessível digitalmente, mas no próprio Batalha, não se poderá aceder *on line*.

**- O Presidente da Câmara Municipal, Rui Moreira;**

Acrescenta que a ideia é fazer com que as pessoas frequentem o espaço, é fazê-las ir ao Batalha.

- O Diretor Artístico de Arte Contemporânea e Cinema da ÁGORA, EM. **Guilherme Blanc;** Informa que o trabalho programático está ainda em desenvolvimento.

**- O representante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Mário Jorge Lopes Neto Barroca;**

Ficou curioso sobre as comunidades de cinefilia e gostaria de ter mais pistas.

- O Diretor Artístico de Arte Contemporânea e Cinema da ÁGORA, EM. **Guilherme Blanc;** Informa que ainda estão a trabalhar nesse projeto, que ainda estão a problematizar o que é isso de constituir comunidades. Uma comunidade poderá ser um grupo de discussão e pensamento sobre programação ou outras questões sobre o Centro de Cinema. Acrescenta uma outra preocupação que é a de trabalhar com a comunidade, com a vizinhança do Batalha. Termina referindo que vão trabalhar o sentido de comunidade a partir de diferentes ângulos.

- O representante da Faculdade de Ciências da Universidade do porto, **Orfeu Bertolami;** Refere que em reuniões anteriores discutiu-se a possibilidade de uma relação com a Cinemateca Nacional. Pergunta se a situação evoluiu ou involuiu.

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira;** Responde que se quer colaborar com a Cinemateca Nacional, mas o projeto foi desenvolvido de forma a não estar dependente dessa colaboração.

- **Manuela Matos Monteiro;**

Coloca uma questão sobre o projeto educativo, se estão a pensar desenvolver um "serviço educativo", uma intervenção mais sistemática junto da população escolar.

- Diretor Artístico de Arte Contemporânea e Cinema da ÁGORA, EM. **Guilherme Blanc;** Esclarece que o projeto "Cinema e Comunidade", um subprojecto do Projeto Artístico, incluirá a dimensão educativa, a relação com escolas, com todo o tipo de escolas e com as famílias.

- **Daniel Pires;**

Gostaria de fazer um apelo: para que o Batalha, além de um espaço do cinema, seja um espaço de memória dos cinemas. Ser um espaço onde a cidade salvasse a memória dos cinemas.

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira;**

Informa os Conselheiros, e dado que se está a falar de cinemas, que o Cine-Teatro Vale Formoso está em processo de classificação.

- **Rui Lage;**

Pergunta como é que o projeto do Batalha se irá relacionar com a memória cinematográfica e cinéfila do Porto, sendo o Porto a cidade onde nasce o cinema em Portugal, com Aurélio da Paz dos Reis. O Batalha será um lugar de reencontro dos portuenses com o cinema feito na cidade ou sobre a cidade ou a partir da cidade?

- O Diretor Artístico de Arte Contemporânea e Cinema da ÁGORA, EM. **Guilherme Blanc;** Responde que se irá trabalhar o património de cinema e fílmico da cidade de diferentes formas e que se está ainda numa fase de maturação. Pretendem estimular a relação com o Cineclube do Porto, num diálogo programático e artístico, também pela ligação daquela instituição com o local. O arquivo digital será especializado no património fílmico do Porto, naquilo que o pode representar. É um projeto a longo curso. Vão trabalhar publicamente o cinema do Porto em ligação com o trabalho processual do Arquivo Digital do Porto. Também a biblioteca vai ter uma forte componente dedicada ao património cinéfilo da cidade, a práticas da cidade, a realizadores e realizadoras da cidade, à sua história e ao seu papel na História.

Na contemporaneidade irá trabalhar com o tecido existente: com os festivais, escolas de cinema, novas cooperativas de cinema, novas produtoras, novas coletividades que estão a surgir. O Batalha terá a portas abertas para os agentes que estão a pensar e a fazer o cinema hoje. Talvez durante o dia possa ter exibições para a indústria.

- A representante da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, **Lúcia Matos;** Foca o aspeto da parte patrimonial, física, arquitetónica e artística do edifício que gostaria de ver tratados no projeto. Sugere que possa haver uma vertente dedicada ao objeto, ao edifício. Pergunta se estará previsto alguma coisa sobre esta componente.

- **Alexandre Alves Costa;**

Refere que tiveram muitas dificuldades técnicas porque detetaram que o edifício estava muito mal construído e não estava bem estruturalmente. Em relação às obras de arte que fazem parte do Batalha, por exemplo sobre os frescos de Pomar (descobriu-se que não é só um, mas dois) conversou-se com Júlio Pomar sobre a fragmentação resultado da violência fascista e neste momento não se pode fazer nada. Esperam que a obra fique mais limpa para fazer pesquisas sobre eles.

Outras obras perderam-se no tempo e foram destruídas.

Há vestígios de uma pintura de que não sabe se será de Augusto Gomes, mas talvez se consiga recuperar.

Há uma escultura de Lino Gonçalves que está preservada no Foyer e que vai ficar no mesmo sítio, há um baixo-relevo de Américo Braga na fachada que foi alterado e vão repor agora um martelo, há dois baixos-relevos que estão conservados nas portas laterais da sala grande e estão a negociar com o empreiteiro a sua colocação. Termina dizendo que a principal obra de arte do Batalha é o próprio Batalha.

- O representante da Fundação de Serralves, **Manuel Ferreira da Silva;**

Recorda outros projetos da cidade relacionados com o cinema, como o Trindade e a abertura da Casa do Cinema de Manoel de Oliveira, com os quais o Batalha poderá colaborar e dá os parabéns à equipa de arquitetos e ao Diretor Artístico.

- **Gabriela Vaz Pinheiro;**

Pergunta se podia ter alguma informação sobre a Sala Bebé.

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira;**

Explica que a Sala Bebé não consta do projeto original do Batalha, foi uma construção dos finais dos anos 60, princípios dos anos 70 que, de alguma maneira, destruiu uma das partes mais interessantes do Cinema Batalha. No atual projeto tomou-se a decisão de repor a integralidade do que era o Batalha antes e é na parte de cima que se vai construir o 2º auditório. Vão de alguma maneira repor o Salão de Chá que foi destruído com a Sala Bebé e transformar o que era o 2º balcão do Batalha numa nova sala de cinema.

- Diretor Artístico de Arte Contemporânea e Cinema da ÁGORA, EM. **Guilherme Blanc;**

Explica que os cinemas antigos que estiveram desativados e que se pretende agora reativar enfrentam um problema legal para o seu licenciamento. Dá como exemplo o Trindade e explica que hoje esta questão seria um problema para a Sala Bebé que não cumpriria uma série de requisitos legais para ser um espaço de fruição pública. O Salão de Chá estará preparado ao nível tecnológico para ter atividade pública: exposições, performances, conversas, etc.

- O Diretor Geral da Casa da Música, **Paulo Sarmento e Cunha;**

Realça o sucesso do projeto. Coloca uma pergunta sobre o lugar do cinema de animação neste projeto, depois de ter havido investimento na Casa da Animação e se haverá alguma relação entre ambos os projetos.

- Diretor Artístico de Arte Contemporânea e Cinema da ÁGORA, EM. **Guilherme Blanc;**  
Explica que a Casa de Animação é um projeto residente no Teatro Municipal e que já tiveram reuniões para perceber possibilidades de parcerias.

Sobre o cinema de animação adianta que fará parte do programa artístico, diluído naquilo que são os propósitos artísticos do projeto.

- **Ana Luísa Amaral;**

Pergunta se estão previstos a realização de sessões intermediais entre literatura e cinema, por exemplo.

- Diretor Artístico de Arte Contemporânea e Cinema da ÁGORA, EM. **Guilherme Blanc;**  
Confirma que estão previstas sessões intermediais. A Literatura e a Palavra fazem parte do DNA deste projeto.

- **Alexandre Alves Costa;**

Sugere que se faça uma outra apresentação do projeto, para a qual está disponível.

- **Miguel Guedes.**

Realça a importância do projeto para a requalificação da zona, para a atração de novos públicos e o densificar da malha no território e para a importância da ligação do parque escolar, pois muitas crianças já não conhecerão um tradicional espaço de cinema. Sugere que se comece pelas matinés, como tinha o Cineclube do Porto.

## **5. Apresentação e discussão do Campus Paulo Cunha e Silva.**

### **Intervenções:**

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira;**

Agradece os contributos de todos, agradece a presença de Guilherme Blanc e dá por terminada a apresentação deste ponto. De seguida, pede ao Diretor Artístico do Teatro Municipal do Porto que apresente o projeto para o Campus Paulo Cunha e Silva, fazendo uma nota introdutória. Refere que um dos grandes desafios que se coloca hoje na cidade é o que fazer aos equipamentos escolares que se tornaram obsoletos por falta de crianças. A CMP tem vindo a recuperar um conjunto de escolas, escolas que vão sendo entregues e relativamente às quais, enquanto Património, obriga a ter um pensamento sobre cada um

deles. A título de exemplo, menciona que neste momento há duas escolas que estavam inativas e que estão a funcionar como centros de vacinação.

Neste caso concreto, trata-se de uma escola com uma história recente um pouco atribulada. Ela tinha sido entregue ao Instituto Politécnico do Porto, para aí desenvolver alguma atividade artística que depois não foi concretizada. A CMP tinha cedido o espaço a pedido da anterior Presidente da instituição, Doutora Rosário Gamboa. O espaço acabou por ser indevidamente ocupado e depois desocupado. Pensou-se o que fazer lá, sabia-se que havia uma carência na cidade que vinha sendo assinalada e foi assim que se percebeu que uma forma de dignificar a memória daquela escola seria dedicá-la à Cultura, às Artes e ao nome de Paulo Cunha e Silva. Esta pareceu a melhor forma de homenagear Paulo Cunha e Silva e não com o seu nome numa rotunda ou numa outra placa qualquer.

Passa a palavra a Tiago Guedes.

- O Diretor Artístico do Teatro Municipal do Porto, **Tiago Morgado Guedes;**

Refere que o projeto tem sido trabalhado de uma forma muito discreta, mas está há dois anos a ser imaginado e a ser planificado e as obras já duram há dois anos, embora, com a pandemia, o prazo tenha derrapado. Surge de uma grande necessidade da cidade e refere, para que se tenha uma melhor noção, que o Departamento de Artes Performativas do Teatro Municipal do Porto recusa 90% dos pedidos para residências artísticas por falta de espaço. Existe um estúdio no Rivoli e outro estúdio de ensaios no Campo Alegre, muito disponível para as estruturas que estão residentes naquele espaço, pelo que a oferta é muito diminuta. Este espaço era urgente e, de alguma forma, ele fecha o círculo das artes performativas a nível municipal através dos dois polos do Teatro Municipal do Porto, do festival que organiza (e que está a decorrer neste momento – Dias da Dança) e de um sítio só dedicado à criação, ao trabalho de investigação, às residências artísticas, não é de todo um espaço de apresentação. Depois, os teatros da cidade, municipais ou não, e os teatros de outras cidades, em Portugal ou noutros países, acolherão os espetáculos que vão ser incubados no Campus Paulo Cunha e Silva.

Faz o historial da escola com o recurso a uma apresentação em powerpoint e aludindo ao documento distribuído previamente. A escola José Gomes Ferreira, construída em 1976, situada na Travessa dos Campos, esteve em funcionamento até 2013. Situada numa zona discreta, mas típica do Porto, entre “ilhas” tradicionais e condomínios mais recentes, entre o Metro de Faria Guimarães e a Praça do Marquês, será um polo de atividade bastante interessante deste bairro e com o qual já estão a estabelecer relações de vizinhança com a população que guarda memórias da escola. As obras feitas foram puramente de

recuperação e para conforto térmico dos artistas e de ruído, para não serem incomodados os vizinhos. Entre 2015 e 2018 houve a cedência ao Instituto Politécnico do Porto. Dispõe de cerca de 900m<sup>2</sup> de área construtiva, distribuídos por 2 pisos, com jardim na frente e pátio de jogos nas traseiras, uma típica escola, como muitas outras que existem na cidade. Presentemente, o Campus Paulo Cunha e Silva é o novo centro de residências artísticas e espaço de trabalho para as artes performativas na cidade do Porto, sendo toda a comunicação feita *on-line* e em *site*. Cria-se um espaço multidisciplinar, inclusivo, de liberdade à criação, voltado para o futuro e vivendo do feedback dinâmico da comunidade artística que o ocupa, das artes performativas num sentido lato: dança, teatro, circo contemporâneo, formas animadas, marionetas, música. A Travessa dos Campos – morada – transforma-se em Campus – nome-, homenageando o saudoso Paulo Cunha e Silva. Podem ver que não houve grandes mudanças no edifício. Está em fase de acabamentos. Este espaço tem 4 salas de trabalho, 2 grandes salas de 140m<sup>2</sup> e 2 salas pequenas de 65m<sup>2</sup>.

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira;**

Explica que abrir os espaços foi uma das partes mais caras do projeto porque as salas não tinham dimensão adequada.

- Diretor Artístico do Teatro Municipal do Porto, **Tiago Morgado Guedes;**

Explica que eram 6 salas de aulas e em duas delas abriram-se as paredes, pelo que houve necessidade de trabalhos estruturais para se poder ter 2 grandes salas de trabalho. Este sítio tem também 2 quartos, o que se torna uma ferramenta e uma ajuda para as companhias para trazerem os seus convidados sem terem gastos de dinheiro.

É um espaço para a criação artística, de pesquisa, criação, remontagem, ensaios, sempre com a missão de explorar e experienciar as várias artes performativas e qualquer formato híbrido que surja do cruzamento disciplinar. É dirigido pela equipa do Teatro Municipal do Porto, pelo Departamento das Artes Performativas da Ágora, Empresa Municipal.

Apresenta a planta do edifício, apoiado nas imagens que são projetadas.

Será também um espaço aberto à comunidade artística, com aulas para profissionais. Informa que promoveram quatro reuniões com a comunidade artística e foi com base nessas reuniões que se desenhou o programa e como é que este espaço vai funcionar. Haverá aulas para profissionais todos os dias de manhã, um sítio de encontros através da prática, de ensaios abertos, *artistic talks*, eventos de mediação realizados pelos residentes, atividades entre residentes e vizinhança.

Apresenta o programa:

- O modelo de funcionamento do Campus foi desenhado com base na experiência pluridisciplinar da equipa do Teatro Municipal do Porto e na consulta à comunidade artística que aderiu com entusiasmo, enriquecendo com as suas reflexões a matriz do projeto que se irá desenvolver de forma participativa. Este programa vai ser implementado através de *Open Calls*, vão ser 56 semanas de residências artísticas, para artistas coletivas nacionais, entre 2 semanas e 8 semanas no máximo, com valor semanal a atribuir de 500€, com IVA incluído. Faz um parêntesis para explicar que este espaço funcionará, ao contrário da maior parte dos espaços semelhantes, com a atribuição de um *fee* aos artistas, como uma espécie de pré-coprodução, para que os projetos se possam desenvolver e verificar se têm condições para que sejam coproduzidos pelo Teatro Municipal e apresentados nos espaços municipais. Vai ter um orçamento próprio para investir no tempo que é necessário para o fazer artístico e para a criação de artes performativas.
- Haverá alojamento para um número máximo de 4 pessoas, mediante disponibilidade.
- Os projetos poderão ser acompanhados por mentores, dramaturgistas, ou *outside eyes* uma sugestão muito interessante da comunidade artísticas que é a parte do *coaching* e do acompanhamento. Vai ter 15 *coacher, outside eyes*, nacionais e internacionais. Quem for selecionado, poderá escolher estas pessoas para acompanharem os seus trabalhos. Os destinatários são artistas em pesquisas para novas criações ou ensaios de peças já existentes. As residências para a temporada 2021-2022 serão selecionadas através de uma *open call* anual, com dois terços do júri externo, isto é, uma pessoa da equipa do Teatro e duas pessoas externas, e serão privilegiadas candidaturas de artistas locais. Este é um local muito pensado para dar resposta à falta de espaços de criação nas artes performativas na cidade.
- Outra parte das *open call* das residências prevê uma ligação mais premente aos teatros municipais. Foi algo que não estava previsto no início, mas que a comunidade reivindicou e bem, pelo que haverá três residências técnicas no Teatro Campo Alegre com o apoio das equipas técnicas para som, luz, vídeo e maquinaria, pois o Campus não está preparado tecnicamente para ser um teatro. Estas residências terão o mesmo valor, com uma duração de uma ou duas semanas. Não têm em vista uma apresentação imediata.
- O projeto da *open call* "Reclamar Tempo", 2ª edição, foi uma resposta do município em tempo de pandemia. Foi lançado um programa para as artes performativas em que se atribuíram bolsas para vários artistas para que pudessem investigar em suas casas, já que os seus locais de trabalho estavam encerrados. Foram atribuídas 12 bolsas a artistas da cidade e receberam 250 candidaturas. Foi um projeto muito bem recebido. Será um projeto

âncora do Campus Paulo Cunha e Silva. Anualmente, serão apoiados 8 projetos coletivos locais, num período de pesquisa e investigação nos seus próprios espaços durante aproximadamente 6 meses, com um valor atribuído a cada projeto de 3.000€ e depois um acesso de duas semanas de residência no Campus, em espaço partilhado, e momento público de abertura do processo com o acompanhamento de 2 mentores. Será reservado a artistas locais, selecionados por *open call*. Os resultados da 1ª edição vai dar conteúdos à abertura do Campus Paulo Cunha e Silva, prevista para 9 de junho.

Os selecionados da *open call* vão ter 50% de ocupação do espaço. Os outros 50% serão para cedências de espaços.

- Existirão cedências de espaço para ensaios gratuitos, para criadores locais, sem apoio financeiro ou técnico, reservados unicamente *on-line*, para um período de 4h até 240h, que se renova após 30 dias. O espaço poderá ser usado 24h por dia, pois vai ter 4 períodos de trabalho. Haverá segurança 24h/dia.

- No Campus Paulo Cunha e Silva haverá aulas diárias, de segunda a sexta, das 9h30 às 11h. O projeto piloto será entre setembro e dezembro de 2021. As aulas destinam – se a profissionais das artes performativas e serão lecionados por formadores locais, que corresponderão a 50% dos docentes, sendo os restantes formadores nacionais ou internacionais que estejam a colaborar com o Teatro Municipal, potenciando assim recursos financeiros e ecológicos. Esta foi uma reivindicação da comunidade artística: que o Campus seja um sítio de encontro da comunidade artística também através da prática.

- Foi apresentado o cronograma de abertura: de 17 de maio a 13 de junho estará a residência do projeto "Reclamar tempo", 1ª edição; a 9 de junho será a inauguração, para a qual serão convidados todos os conselheiros, com uma conferência de imprensa e o lançamento de todas as *open call*; a 15 de junho vai ser lançado o *site* que permitirá a reserva dos espaços, tal como o anúncio do programa de aulas. A data de inauguração é simbólica por ser o aniversário de Paulo Cunha e Silva. A 12 e 13 de junho será a abertura pública dos processos "Reclamar Tempo". A 15 de junho o Campus fica disponível para a cedência de espaço e reserva através da plataforma digital. A 30 de agosto será a abertura das propostas da *open call*, a 6 de setembro arranca o início das aulas e dia 4 de outubro, já com tudo organizado da *open call*, será o início das residências artísticas.

A cultura contemporânea é uma arte estratégica no atual projeto cultural do município do Porto, implementado pela Ágora, através do Departamento de Artes Performativas. O Campus contribui, assim, para a evolução dos discursos artísticos contemporâneos locais e nacionais, apostando num novo formato de apoio à criação. O Campus é *paper free*, sendo toda a sua comunicação, reserva de espaços, candidaturas, feitos através de um *site* que

está em construção – “campuspaulocunhaesilva.com”. Será a única ferramenta de comunicação e de gestão do Campus. Todos os artistas e companhias vão ter um login, inscrevem-se e vão poder fazer a sua relação com o Campus através desse *site*. O designer do *site* é feito pelos “Pacífica”. Vai, também, ser desenhado um mural na fachada.

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira;**

Refere que é um projeto totalmente diferente, pequeno, mas era uma coisa que se precisava fazer e responde às críticas que eram lançadas de não haver este tipo de resposta.

Lança o projeto à discussão dos conselheiros.

- A representante do Balleteatro **Manuela Barros;**

Felicita a Câmara. Mostra-se feliz pelo projeto e pelo processo que o Teatro Municipal implantou na construção do desenho do projeto, com as conversas com a comunidade artística. Parece um projeto equilibrado entre as *open call* e a possibilidade de reserva dos espaços e congratula-se por isso.

- O representante da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, **Orfeu Bertolami;**

Entende a preferência pelos artistas locais, mas acha importante divulgar o projeto da forma mais ampla possível, internacionalmente, para que se perceba que o Porto é uma cidade criativa e que há motivos para os artistas se estabelecerem no Porto.

- Diretor Artístico do Teatro Municipal do Porto, **Tiago Morgado Guedes;**

Explicita que foi decisão, nesta primeira fase, que o Campus seja de facto uma ferramenta para os artistas e companhias da cidade, pois há uma necessidade muito grande. Este primeiro ano será um ano zero, um ano piloto, e poderá no futuro haver abertura para estrangeiros, mas sempre numa cota reduzida.

- **Manuela Matos Monteiro,** representante do Mira;

Confirma que esta é uma resposta para uma necessidade real da cidade. Destaca que esta é uma forma muito importante de apoiar a cultura. Destaca que é um projeto com um programa justo. Reforça a importância da atribuição do nome de Paulo Cunha e Silva a um local com um historial único.

- A representante da Academia Contemporânea do Espetáculo/Teatro do Bolhão, **Glória Cheio;**

Dá os parabéns pelo projeto e afirma que finalmente o futuro parece estar garantido para os nossos artistas no sentido de ser uma construção permanente e o facto de o Porto ser uma cidade que irradia cultura.

**- Alexandra Balona de Oliveira;**

Felicita para criação de incubadoras de criação artística e diz ser a melhor forma de homenagear Paulo Cunha e Silva.

**- Rui Lage;**

Diz ser uma homenagem justa e feliz a Paulo Cunha e Silva e que vem resolver um problema endémico do setor cultural da cidade. Pergunta se José Gomes Ferreira, anterior "patrono" da escola terá algum tipo de "compensação" pelo facto do edifício ter sido renomeado. Confessa que teve um pequeno desconforto em relação a uma área do projeto: o facto de existirem *coachers* que quase decidem o destino das experiências. Tem medo que as pressões fortes ponham em causa a independência e a autonomia da criação artística. Há tentação para instrumentalização dos artistas, por exemplo nos concursos em geral da DGArtes, o que cria inquietações e desconforto entre os agentes culturais e os criadores por os querer obrigar a contribuir para a coesão territorial ou a combater assimetrias regionais e territoriais ou coloca-los em lógicas empresariais. Os agentes culturais sentem-se inibidos na hora de vocalizar este desconforto.

**- O Presidente da Câmara Municipal, Rui Moreira;**

Esclarece que há uma rua na cidade com o nome José Gomes Ferreira.

Refere que a preocupação manifestada por Rui Lage foi abordada num debate no Rivoli, organizado pelo TMP e com a presença de Pedro Santos Guerreiro. Reconhece essa preocupação, mas diz que, ainda assim, tem que haver escolha; não pode é ser uma escolha política. Os programadores e os curadores têm que fazer escolhas, como garante de liberdade e responsabilidade.

**- Diretor Artístico do Teatro Municipal do Porto, Tiago Morgado Guedes;**

Clarifica o comentário de Rui Lage, lembrando que o projeto começou na auscultação da comunidade artística. Muitos artistas referiram que muitas vezes não lhes sobra dinheiro para pagar a alguém que faça dramaturgia, a alguém que possa assistir aos ensaios, etc. O Campus irá disponibilizar um conjunto de pessoas de diferentes formações – áreas

sociais, dramaturgia, filosofia, coreógrafos – para quem quiser requisitar. Não é obrigatório e o Campus assume os custos.

**- Joaquim Moreno;**

Sendo arquiteto, gostaria de saber de quem é a autoria do projeto. Pergunta, também, como é que a transversalidade dos lugares contemporâneos vai funcionar.

**- Diretor Artístico do Teatro Municipal do Porto, Tiago Morgado Guedes.**

Refere que as artes performativas são cada vez mais multidisciplinares, indisciplinadas e o Campus é aberto a todos os projetos que sejam de cruzamento destas áreas todas.

O projeto foi um projeto concursal lançado pela Domus Social e quem fez o projeto de requalificação foi o Atelier Sofia Granjo.

## **6. Apresentação e discussão da Biblioteca Popular Pedro Ivo.**

### **Intervenções:**

**- O Presidente da Câmara Municipal, Rui Moreira;**

Chama a atenção para a recuperação do nome original da Biblioteca, para muitos conhecida como a "Biblioteca do Marquês". Espaço com uma vida conturbada nos últimos anos: foi cafetaria e esteve em hasta pública. O executivo municipal decidiu reativar a biblioteca popular. O projeto já está concluído, com destaque para o rigor em manter os detalhes que antes existiam. O projeto fecha uma chaga da cidade. Pretende-se chamar a comunidade e todos aqueles que nunca se conformaram com o que lá se passou. É um projeto discreto, feito sem grande barulho, para convencer as pessoas que esta é a melhor solução para aquele espaço. Convida Nuno Faria a apresentar o projeto.

**- Diretor Artístico do Museu da Cidade, Nuno Faria;**

Para a dinamização daquele espaço, preveem um projeto a 2 tempos: o primeiro, durante este ano, cruzando programação dos 3 departamentos / áreas disciplinares – artes performativas, cinema e o Museu da Cidade (MdC). Em 2022, está pensado abrir o espaço a outros projetos da cidade, associações, artistas, que, através de uma *open call*, em moldes a definir, de forma sazonal, o possam ocupar e reativar, não perdendo o âmbito original daquele projeto. Hoje não fará sentido ter uma biblioteca naquele espaço.

O projeto original é de 1948, de Bernardino Basto Fabião. Esta é também uma singela homenagem ao arquiteto, uma pessoa que foi bastante importante no Município.

O programa foi previamente distribuído aos conselheiros. A apresentação é acompanhada por imagens do projeto.

O projeto de redesenho da letra foi feito pelos R2 a partir da tipografia original.

O projeto tem 3 fases principais e uma "anexa". Começou com o MdC e ali foi instalada a Rádio Estação, criando uma pequena Biblioteca Sonora ao ar livre, sendo esta uma outra forma de dar mais visibilidade a um projeto central para o MdC que é a Biblioteca Sonora, um projeto de Serviço Público na BPMP desde os anos 70. Esta 1ª fase tem sido muito de articulação com as pessoas e repensar o que são os livros? Para que servem as bibliotecas hoje? Para que servem os museus hoje? A este propósito, aproveita para informar que será lançada a 1ª plataforma pública física do MdC para auscultar várias pessoas a partir destas questões: para que serve um museu hoje? Que potência pode ter hoje um museu? Muito para refletir sobre o tempo de hoje: que portas abriu e que portas fechou.

A presença do MdC será até 15 de maio. A partir de 16 de maio será ocupado pelo TMP com 2 residências artísticas e depois com um projeto europeu bastante simbólico – *Moving Borders* – que ali terá um território, um viveiro bastante interessante de articulação com os públicos. A última intervenção estará a cabo do Cinema Batalha, fruto de uma encomenda, com a preparação de um filme documental sobre a memória daquele lugar e daqueles sítios: bibliotecas populares que se tornaram bibliotecas itinerantes e quais os seus contornos políticos.

Haverá um interregno durante a Feira do livro e nessa altura acolherá uma homenagem mais explícita a Pedro Ivo, será um esboço de biblioteca mais física com livros do autor e com livros que lá estiveram em 1948 e em 1990/91, na época em que foi uma biblioteca infantojuvenil por ação do então diretor, o Dr. Luís Cabral. Continua contando um pouco da história do edifício: as obras do Metro vieram obstruir este espaço, tendo passado para a paróquia e os livros para o Bibliocarro que percorria as escolas.

Apresenta brevemente a Feira do Livro, a inaugurar a 27 de agosto, este ano dedicada às dissonâncias românticas e a Júlio Dinis.

- O representante da Faculdade de Ciências da Universidade do porto, **Orfeu Bertolami**; Sugere que a biblioteca infantojuvenil tenha um núcleo com livros de ciência, para atrair as crianças para áreas como a matemática, física, etc., já que outros espaços da cidade possibilitam outras ofertas.

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira**.

Dá por terminada esta fase, passando a outros assuntos sobre os quais tem algumas notas para dar.

## 7. Outros assuntos.

### Intervenções:

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira;**

Apresenta a situação do Coliseu. Em anteriores Conselhos o assunto foi já abordado. A CMP foi confrontada com um projeto no valor de 8,5 milhões de euros, acrescido de IVA a 20%, valor incomportável para o município do Porto. A nova Direção – aqui representada pela Presidente da Direção, Dra. Mónica Guerreiro – ficou incumbida de proceder a duas coisas: estudar um modelo para concessionar aquele espaço, mas também fazer uma reavaliação do projeto. O que se veio a constatar é que, de facto, o montante necessário para reabilitar o Coliseu é menos de metade do valor inicial, abaixo dos 4 milhões de euros. Este estudo foi feito com o apoio do LNEC, entidade insuspeita pelo seu rigor.

A Direção do Coliseu reuniu com a Câmara e os outros *stakeholders* para se avaliar se, com base nestes novos montantes, não seria de reequacionar as decisões que tinham sido tomadas anteriormente, o que pareceu perfeitamente razoável.

Lembra que há 4 sócios principais do Coliseu: a AGEAS (que continua a dar o seu apoio mecenático, que é, no fundo, herdeiro dos antigos proprietários do Coliseu, a quem a Associação dos Amigos do Coliseu comprou o equipamento); o Ministério da Cultura, através da Direção Geral da Cultura, a Câmara Municipal do Porto e a Área Metropolitana do Porto. Sabe-se que a AGEAS já cumpre com a sua parte, a Área Metropolitana não tem capacidade para contribuir, mesmo estatutariamente, e não tem recursos. A posição da CMP é que, se o Ministério da Cultura aceitar pagar metade das obras, a CMP cobre a outra metade, mantendo assim a integridade do projeto na Associação dos Amigos do Coliseu. A sra. Ministra da Cultura esteve há dias no Porto e manifestou disponibilidade para, através da Direção Geral, compartilhar com 50% do valor. Falta esclarecer se a Lei das Fundações permitirá o apoio da CMP, mas este aspeto pode vir a ser alterado com nova legislação. Coloca à consideração dos conselheiros esta nova posição do município.

- O representante da Fundação de Serralves, **Manuel Ferreira da Silva;**  
Congratula-se com a solução encontrada.

- O representante da Casa da Música, **Paulo Sarmiento e Cunha;**

Mostra o seu contentamento pela notícia.

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira;**

Confirma que Paulo Sarmiento e Cunha mostrava inconformismo com a situação, confirma que foi um braço de ferro porque o valor inicial era inaceitável e o investimento na Cultura é sobretudo imaterial.

Partilha também a preocupação sobre uma notícia de que a Cultura vai receber 243 milhões de euros do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). De acordo com a notícia, e que ainda não viu desmentida, deste valor global, cerca de 150 milhões serão para obras em 46 museus e monumentos. Destes 46, há um que fica na cidade do Porto – o Museu Nacional Soares que Reis. Felicita o seu diretor, mas refere que causa alguma estranheza ser apenas um na cidade do Porto, mas não causaria se houvesse uma territorialização do PRR. O que se verifica é que metade dos equipamentos são na cidade de Lisboa e muito provavelmente mais de metade do orçamento será gasto em Lisboa. Não deixará de tomar posição pública sobre o assunto.

- O representante do Museu Nacional de Soares dos Reis; **António Manuel Torres da Ponte;**

Agradece à CMP a integração de uma forma tão rápida do museu neste Conselho, o que vem ao encontro do que pretende para o museu: torná-lo mais ativo e visível nos circuitos culturais da cidade. Pretende reposicionar o museu, tem vindo a reunir com várias entidades e está disponível para trabalhar com todos. Pretende eliminar as barreiras psicológicas e físicas que foram criadas à volta do museu, com uma nova programação que esteja de acordo com os interesses do museu, da cidade e do país. O museu irá reabrir a 15 de maio com um ciclo de exposições temporárias. Os 3 jardins do museu abrirão na mesma data. Prevê reabrir a exposição de longa duração entre os meses de novembro e dezembro.

Na sequência da intervenção de Nuno Faria, refere que estão a proceder a um conjunto de conversas com instituições da cidade para pensar que museu é que se vai reabrir, que museu estará disponível a partir das suas coleções. Indica, ainda, que o museu e a CMP estão a repensar a fachada do museu, a qual será a grande barreira de acesso ao museu. A médio prazo (depois das obras do Metro) será pensada uma solução para o problema.

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Moreira;**

Refere que, atendendo à vivência que é feita hoje na zona do MNSR, fica provado que o túnel foi uma decisão errada. Por outro lado, a linha rosa do Metro vai ter impacto exatamente na mobilidade daquela zona. Durante esta obra haverá fortíssimas vicissitudes na cidade em termos de mobilidade. No final desta obra, haverá necessidade de repensar a utilidade do túnel, pois poderá deixar de fazer sentido aquela abertura junto ao museu.

- A representante do Mira, **Manuela Matos Monteiro;**

Elogia o Dr. António Ponte pelo seu trabalho no Vale do Varosa e a sua capacidade de diálogo na região e reconhece estar contente com as notícias por ele transmitidas.

Refere que, deste Conselho, devia sair um veemente protesto relativamente à situação descrita pelo Sr. Presidente sobre a assimetria de fundos entre Porto e Lisboa.

- **Ana Luísa Amaral;**

Reconhece existir uma vergonhosa centralização de recursos económicos em Lisboa desde há vários anos. Concorda com a ideia de um protesto formal.

- A representante do Coliseu do Porto, **Mónica Guerreiro;**

Gostaria de secundar a indignação. Lembra que a Associação dos Amigos do Coliseu fez um comentário quando o processo de consulta pública do PRR estava aberto. Escreveram para a inclusão de uma matéria expressiva no âmbito da Cultura e o papel pivotal que tem e que maximiza a vertente económica de muitos outros setores. Conhecidos os valores, o apoio parece ser apenas material e excessivamente centralizado, pelo que esta indignação volta a ser sentida.

Numa segunda nota, felicita e assinala a importância do lançamento do cartão "Porto." e na mais-valia que estes projetos têm na devolução aos munícipes sobre as próprias experiências de entretenimento, lazer e de comunidade. Este cartão relembra-as destes aspetos e torna-as mais acessíveis.

- **Rui Lage;**

Refere que, a ser verdade a notícia sobre o centralismo das verbas para a Cultura, esta é uma matéria destruidora de energias. Não o repugna sair uma posição conjunta deste Conselho; aliás, o destino do Porto é ser contra-poder.

Mostra regozijo pela reabertura do MNSR e considera ser urgente resolver a questão do túnel e a influência nefasta para o museu.

- A representante da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, **Lúcia Matos;** Diz conhecer relativamente bem o PRR e o que lhe parece estar mal é o critério daquele valor ser orientado exclusivamente para museus e palácios nacionais. Parece-lhe ser necessário alterar o critério e não a geografia do destino. Se o critério de utilização for alargado a verba para outro tipo de equipamentos de utilidade pública culturais (não apenas equipamentos nacionais), o orçamento já estará mais adequado.

- O Presidente da Câmara Municipal, **Rui Morgira;**

Acha desconforme que cerca de metade dos edifícios a apoiar se localizem em Lisboa e considera fundamental o apoio ao MNSR. Esclarece que, de acordo as notícias, os restantes 91 milhões de euros serão aplicados na transição digital das redes culturais. O objetivo passa por dotar de novas tecnologias teatros, cine-teatros, cinemas, bibliotecas, centro de artes, a Cinemateca, a Torre do Tombo e a Biblioteca Nacional.

Coloca à consideração dos conselheiros a apresentação de uma proposta de um pequeno texto de tomada de posição sobre este assunto, para votação e para ficar em ata.

- **Ana Luísa Amaral;**

Lembra que os subsídios dados há cerca de 4 ou 5 anos às companhias de teatro foi também um processo escandaloso.

Considera vergonhosa a situação agora exposta, embora não esteja bem por dentro do assunto.

- **Miguel Guedes.**

Apresenta ao Conselho uma proposta de texto para apreciação.

**O Senhor Presidente da Câmara Municipal, Rui Moreira,** em relação à notícia sobre os critérios de distribuição das verbas do PRR referentes à cultura, por parte do Governo, perguntou ao coletivo do Conselho Municipal de Cultura se alguém se opõe à proposta de texto apresentada pelo membro do Conselho, Miguel Guedes, dado que a mesma não fazia parte da Ordem de Trabalhos.

Não tendo havido oposição, o **Senhor Presidente da Câmara Municipal, Rui Moreira** colocou a votação a proposta com a seguinte redação:

- "O Conselho Municipal de Cultura manifesta profunda perplexidade perante as notícias que dão conta dos critérios de distribuição das verbas do PRR referentes à Cultura, que se direcionam na sua esmagadora maioria para equipamentos culturais de Lisboa, esquecendo princípios básicos de coesão territorial que deviam estar presentes e nortear a boa execução do referido plano."

**Deliberação: Aprovada, por unanimidade.**

O **Senhor Presidente da Câmara Municipal, Rui Moreira**, disse que a proposta será enviada a quem de direito.

E nada mais havendo a tratar, o **Senhor Presidente da Câmara, Rui Moreira** agradeceu a presença de todos e deu por encerrada a reunião do Conselho Municipal de Cultura às 12h28.

O Presidente da Câmara Municipal do Porto

Rui Moreira

